

NA BOCA DO CAIXA

Retocando a imagem

“Só a escola corrige o Brasil”. Com este slogan e investimentos de cerca de US\$ 1 milhão em publicidade, a construtora Norberto Odebrecht tenta, desde junho último, libertar-se da imagem de agente corruptor.

Dois anos antes (julho de 92), seu presidente, Emílio Odebrecht, depunha na Polícia Federal para explicar o envolvimento da empresa na rede de corrupção montada na Comissão Mista de Orçamento do Congresso Nacional.

Com um faturamento anual de US\$ 1,3 bilhão no Brasil e outros

US\$ 800 milhões no exterior, a construtora foi acusada de pagar propina de US\$ 30 mil ao ex-ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri.

A propina serviria para que o ex-ministro liberasse verbas para uma obra de saneamento básico executada pela Odebrecht no Acre.

“A mãe de todos esses problemas é a onipotência e a onipresença do Estado: todos eles seriam naturalmente resolvidos com a sua substituição pela iniciativa privada no setor produtivo”, justificou-se Emílio Odebrecht.